



A condição pós-fotográfica no jornalismo: uma proposta de análise a partir das perspectivas teóricas da midiatização¹
The post-photographic condition in journalism: a proposal of analysis from the theoretical perspectives of mediatization

Monique Ferreira Campos

Palavras-chave: Fotojornalismo; Cultura digital; Midiatização profunda; Pós-fotografia

A fotografia jornalística foi central na vida moderna, consolidada na dinâmica da sociedade de massas. Ao nos voltarmos para os tempos atuais, podemos percebê-la como parte constituinte do fenômeno midiático, implicada nas experiências de se informar nesse ambiente hiperconectado. As relações dos indivíduos com as fotografias demonstram as profundas mudanças na representação imagética e nos repertórios visuais, as reconfigurações da imprensa que se estabelecem nos fluxos das redes digitais e ainda o uso contínuo de dispositivos midiáticos enquanto práticas comunicacionais contemporâneas. Conforme Deuze *et al.* (2010), a mídia já não pode ser concebida como separada de nós, pois é tão difusa e ubíqua que adquiriu transparência. “Essa midiatização de tudo é estabelecida como premissa pela crescente invisibilidade da mídia, que por sua vez a torna indissociável da vida cotidiana (e todos os seus aspectos)” (DEUZE *et al.*, p.142).

O contexto atual é o dos desdobramentos do fotojornalismo sob a vigência da ambiência digital e convergente, compondo novas dinâmicas nas redações e práticas

¹ Trabalho apresentado ao V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

voltadas às tecnologias e plataformas digitais. Analisar as lógicas do fotojornalismo hoje requer considerar, portanto, os espaços de circulação² da fotografia e a própria cultura visual contemporânea, a qual evidencia as alterações no acesso às informações, na leitura e no reconhecimento dos valores jornalísticos presentes nas imagens. Para Silva Jr. (2020), trata-se da articulação da cadeia produtiva do fotojornalismo com o fenômeno múltiplo, de ordem cultural e tecnológica, compreendido como convergência. Assim, “a convergência na fotografia de imprensa se junta como mais uma incorporação a elementos já aceitos na vida cotidiana, tais como as redes sociais, os novos hábitos de acesso e consumo de conteúdo, as tecnologias móveis, a cultura colaborativa, etc.” (SILVA JR., 2020, p. 224).

O jornalismo digital nos permite observar que a fotografia está em diálogo constante com outras linguagens, sobretudo confluyente com a imagem em movimento. Há uma articulação multimídia no âmbito das notícias e reportagens, de modo que a fotografia responde hoje por experimentações narrativas em elementos de interação e imersão³, como as imagens 360 graus, *newsgames*, o uso de sensores e Internet das Coisas (IoT), Realidade Vitural (RV) e Realidade Aumentada (RA). A lógica midiática é também a de circulação da fotografia em multiplataformas e de incorporação do jornalismo móvel na produção imagética, seguindo os valores de informação instantânea, ágil, inédita e adaptada às leituras no *smatphone*. A ambiência digital evidencia ainda as práticas colaborativas – de organização das produções e

² A “circulação” é conceituada por Fausto Neto (2015) com base no entendimento de que as relações comunicativas se dão por circuitos e fluxos, assimétricos e imprevisos, e não por postulados lineares. A circulação acentua a descontinuidade entre lógicas de produção – dos sistemas sociais – e de recepção – constituída por atores individuais –, ensejando acoplamentos entre elas, segundo o autor.

³ Adotamos o conceito de imersão de Janet Murray (2003), que o apresenta sob a metáfora do estar submerso na água. Para a autora, a sensação de envolvimento em uma realidade completamente estranha, que se apodera de toda a nossa atenção e todo nosso sistema sensorial caracteriza a imersão. O ciberespaço potencializa a imersão através de efeitos espetaculares e recursos para a encenação de experiências em realidades virtuais.



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

financiamento – e o fotojornalismo participativo ou cidadão enquanto transformações dos vínculos dos atores sociais com a fotografia jornalística. Outro aspecto relevante é a entrada das práticas de noticiabilidade e visualidade nos contornos das redes sociais digitais e dos aplicativos de mensagens. Cabe destacar as diversas apropriações das imagens dos acontecimentos noticiados e suas ressignificações – montagens utilizando fotografias, inclusão de *hashtags*, criação de *memes* e *gifs* -, além do fenômeno da viralização de imagens.

Diante desse quadro, muitos são os esforços teóricos para compreender os reordenamentos da prática fotográfica, incluindo os sentidos atribuídos à imagem fotojornalística. O prefixo “pós” está presente em definições e indicações de perspectivas sobre a condição atual da fotografia, assim como ficaram comuns os adjetivos “expandida”, “hiper”, “híbrida” e “disruptiva”. Os termos são resultados de diversas discussões ontológicas, no entendimento de que transformações comunicacionais profundas se deram nos usos sociais da fotografia a partir da digitalização.

O texto de David Tomas (1988) é apontado como inaugural do conceito de pós-fotografia, o qual considera as transformações nas dimensões históricas e culturais da prática fotográfica e dos modos de representação da sociedade. De modo mais amplo, Nöth e Santaella (1997) nomearam como pós-fotográfico o terceiro paradigma da imagem, de predomínio da matriz algorítmica, em que as imagens são sintéticas ou infográficas, inteiramente calculadas por computação. Santaella (2013) retoma e atualiza a discussão, situando-a na perspectiva do hibridismo radical das artes e compartilhamento de dados através de mídias digitais interligadas. A autora desenvolve o conceito do quarto paradigma da imagem, visando explicar as misturas entre processos artesanais, imagens técnicas, diagramas e infográficos.

Um dos teóricos que se dedica a discutir o fazer fotográfico contemporâneo e o que abarca o conceito “pós” é Joan Fontcuberta (2014, 2016), para quem o novo paradigma tecnológico alterou os valores sociais como de registro, verdade, memória,



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

arquivo e identidade. Há uma urgência da imagem por existir que prevalece sobre as qualidades da própria imagem. As reflexões feitas pelo autor consideram a circulação das imagens em velocidade vertiginosa, onde cabem novos usos, funções e modelos de autoria.

Esta pulsão garante uma massificação sem precedentes, uma poluição icônica que por um lado vem sendo implementada pelo desenvolvimento de novas câmeras – seja como aparelhos autônomos ou incorporadas a telefones móveis, webcams e dispositivos de vigilância. Isto nos imerge num mundo saturado de imagens: vivemos na imagem e a imagem nos vive e nos faz viver (FONTCUBERTA, 2014, p. 119).

Dubois (2019) nos apresenta um debate sobre os sentidos e desafios do uso do prefixo “pós”: indicaria uma evolução da clássica fotografia? Ou uma transformação? O teórico considera que as novas práticas fotográficas – práticas “pós” – possuem uma identidade mais incerta, flutuante e diversificada, contida em uma história que constantemente se recicla. As problemáticas advindas com o “pós” demonstram as ligações estabelecidas entre a era digital e a analógica, marcadas pela reutilização, reciclagem, remontagem e pelos desvios do arquivo e do documento. Dubois (2019) utiliza três paradigmas teóricos para refletir sobre a condição pós-fotográfica: desterritorialização e reterritorialização; *remediação (remediation)* e *relocation*. Desse modo, considera que hoje há uma crise das distinções entre os meios de comunicação e uma porosidade das categorias por eles instituídas. Outras características destacadas são as relações intermediais do público com as imagens, as migrações de dispositivos e criação de novos espaços de recepção.

Na perspectiva de Fatorelli (2014), o digital assimila o analógico e também comporta uma dinâmica inaugural nas relações entre a imagem e o mundo visível, a imagem e o observador e entre as próprias imagens. A criação desse “novo” ou de rupturas com os princípios da identidade fotográfica não está condicionada pela forma



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

de constituição das imagens no âmbito da sua infraestrutura técnica, mas sim no “território presidido pelo ‘entre’”, intensamente negociado e de experimentações.

No contexto desse cenário caracterizado por incessantes deslocamentos, o que se encontra decisivamente alterado é o estatuto do *entre* que dispõe os termos relacionais, esgarçado em todos os seus contornos, decisivamente tensionado, comportando sobreposições e ultrapassagens em todas as direções, de modo a redimensionar as suposições e as garantias fundamentadas na especificidade dos meios (FATORELLI, p. 22).

As experiências com as imagens e as lógicas de circulação midiática adquirem relevância nos contornos teóricos sobre a pós-fotografia. Também estão presentes nas considerações dos autores as mudanças epistemológicas e dos regimes de visualidade, nos quais podemos incluir a imagem fotojornalística. Ao tratarem das transformações em termos relacionais, nas formas significativas e nas experimentações, essas concepções nos aproximam das práticas comunicacionais dos sujeitos contemporâneos, nesse caso específico, da cultura fotográfica que se dá nas redes digitais. Logo, não estaríamos diante do fenômeno da centralidade comunicacional, das características da miatização da sociedade?

O jornalismo é espaço da sociabilidade, hoje inscrita nas mídias digitais. Nesse sentido, a miatização pode ser percebida enquanto condição contemporânea da prática, da interação e circulação fotojornalística, assim como as discussões teóricas sobre a pós-fotografia referenciam a sociedade miatizada. Seguindo esse raciocínio, como as teorias da miatização podem ser uma chave de leitura para os estudos sobre as práticas pós-fotográficas e que contribuições trazem para as discussões sobre a imagem fotojornalística digital? Qual a importância das pesquisas em miatização para analisar as relações dos sujeitos com as fotografias de notícias e fotorreportagens, as apropriações e ressignificações das mensagens? Vislumbramos desenvolver interfaces teóricas, revisões bibliográficas e buscar subsídios para a compreensão das lógicas de



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

circulação e o contexto das imagens jornalísticas que compõem os complexos sistemas de interação. O artigo tem por objetivo analisar o cenário da fotografia contemporânea e buscar perspectivas teórico-metodológicas que possam inspirar uma trajetória de pesquisa qualitativa, cujo objeto são as interações com as fotografias jornalísticas em meio às especificidades traçadas pela cultura midiática digital.

As práticas pós-fotográficas podem ser percebidas nos fluxos das redes sociais digitais em confluência com produções dos veículos jornalísticos tradicionais. Consideramos também as mudanças advindas com a entrada dos veículos nativos digitais na cena midiática, além dos chamados influenciadores, dos coletivos fotográficos, entre outros atores sociais. Assim como o contexto social, são mais complexos os sentidos que os diversos públicos passam a atribuir ao fotojornalismo e ao seu papel comunicacional na ambiência digital. De acordo com Carlón (2020), os novos estatutos das imagens devem ser pensados em relação à nova midiatização e circulação de sentido, fenômenos intimamente interligados. Em virtude das interfaces e das interações com as imagens, a distância dos processos de produção/reconhecimento diminui e adquire um ritmo dinâmico.

A circulação contemporânea possui características específicas: é intra-sistêmica (em um sistema midiático) ou intersistêmica (estabelece-se entre os dois sistemas midiáticos, o dos meios de comunicação de massa e o das redes sociais midiáticas), e em ambos os casos circulam imagens com componentes modernos, pós-modernos e contemporâneos (as modernas e pós-modernas com uma fraca indicialidade), e seu ritmo pode ser frenético (CARLÓN, 2020, p. 239)⁴ [tradução nossa].

⁴ La circulación contemporánea posee ciertas características específicas: es intra-sistémica (en un sistema mediático) o inter-sistémica (se establece entre los dos sistemas mediáticos, el de los medios masivos y el de las redes sociales mediáticas), y en ambos casos circulan imágenes con componentes modernos, posmodernos y contemporáneos (las modernas y posmodernas con una indicialidad débil), y su ritmo puede ser frenético (CARLÓN, 2020, p. 239).



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

Mais do que a onipresença cada vez maior dos meios de comunicação, consideramos, nessa análise, a midiatização profunda como o estágio atual da sociedade, seguindo o conceito proposto por Hepp (2020). Vivenciamos as consequências da digitalização, o aumento da conectividade e uma constante geração de dados durante o uso das mídias digitais para funções comunicativas, dados estes que são fontes para análises automatizadas, “o que se tornou uma parte fundamental da construção do mundo social” (HEPP, 2020, p. 29). A midiatização profunda diz respeito ainda aos artefatos que se tornam cada vez mais dispositivos de mídia e à ampliação das atuações sobre a mídia, estas relacionadas à mobilidade e formação de novos tipos de coletividades.

(...) ao “fazer” das mídias digitais e suas infraestruturas a base de cada vez mais processos sociais, considerando os meios digitais e suas infraestruturas como o instrumento central para “resolver” os problemas da sociedade, promove-se o processo de midiatização profunda em todas as suas dinâmicas (HEPP, 2020, p. 30).

As imagens configuram presença marcante em nossas experiências mediadas e interativas, entre elas estão as narrativas fotojornalísticas em circulação nas redes digitais. Por esse motivo, a pesquisa em midiatização passa a se preocupar com a maneira pela qual a interação social muda quando meios técnicos de comunicação se tornam parte dela, na visão de Hepp e Hasebrinck (2015). As perspectivas conceituais necessitam considerar como as diferentes mídias estão envolvidas nas construções de realidades significativas pela comunicação, o que nos desafia a lidar com as investigações sobre materializações fotográficas diversas em configurações comunicativas específicas. É necessário, ainda, considerar as lógicas midiáticas e de forma mais específica das próprias plataformas digitais interferindo nas atuações sobre a mídia e nos padrões de interações e relações sociais entre os atores. As mídias são coprodutoras de nossas representações mentais, de nossas ações e relacionamentos (HJARVARD, 2012).



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Mdiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

O jornalismo é uma atividade constantemente reconfigurada pela presença da tecnologia, sendo a conectividade às redes digitais uma dimensão estruturante da atividade. Sentidos são redirecionados ao fotojornalismo na experiência noticiosa em mídia digital e dessa forma recorremos ao que Braga (2012) considera como o componente diretamente social, a “invenção social” que dá sentido à tecnologia, sendo as práticas inventivas as que produzem os processos interacionais. Reconhecemos essas bases como importantes para as investigações que se voltam para as mudanças na experiência social do jornalismo e na interação dos sujeitos com o fotojornalismo digital. Sobretudo para compreendermos os novos processos comunicacionais caracterizados no âmbito da pós-fotografia.

Referências

BRAGA, J L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M A.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (org.). **Mediação & midiatização** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 29-52. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/k64dr/pdf/mattos-9788523212056-03.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2019.

CARLÓN, Mário. Entre el poder de los enunciadores y el poder de los discursos. La circulación hipermediática de las imágenes contemporáneas. In: FERREIRA, Jairo et al (org). **Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na midiatização**. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2020.

DEUZE, M. SPEEARS, L. BLANK, P. Vida Midiática. **Revista USP**, São Paulo, n.86, p. 139-145, junho/agosto 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13820/15638>>. Acesso em: 30 mai. 2022.

DUBOIS, Philippe. Pós-fotografia, pós-cinema: os desafios do pós. In: FURTADO, Beatriz; DUBOIS, Philippe (org). **Pós-fotografia, pós-cinema: novas configurações das imagens**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

FATORELLI, Antonio Pacca. Do analógico ao digital: negociações e ultrapassagens. **Ícone** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, v.15, n.2, p.13-28, 2014.



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

FAUSTO NETO, Antônio. Recepção, “corpo significante” em circulação. In: BRIGNOL, Liliane Dutra; BORELLI, Viviane. **Pesquisa em recepção: relatos da Segunda Jornada Gaúcha**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2015. pp. 17-24.

FONTCUBERTA, Joan. **La furia de las imágenes: notas sobre la postfotografía**. Vigo: Ed. Galaxia Gutenberg, 2016.

_____. Por um manifesto pós-fotográfico. Trad. Gabriel Pereira. *Studium*, Campinas, SP, n.36, p. 118-130, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/12540>. Acesso em: 22 jul. 2021.

HJARVARD, Stig. Miatização: conceituando a mudança social e cultural. São Paulo: **Matrizes**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. v. 5, n. 2, p. 53-91, jan-jun 2012.

HEPP, Andreas. Da miatização à miatização profunda. In: FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antonio; GOMES, Pedro Gilberto; BRAGA, J. L.; ROSA, A. P. (Org.). **Miatização, polarização e intolerância: entre ambientes, meios e circulações**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2020, v. 1, p. 23-38. Disponível em: <https://miamiacom.org/files/miatizacao-polarizacao-intolerancia/22/>.

HEPP, A., HASEBRINCK, U. Interação Humana e configurações comunicativas: transformações culturais e sociedades miatizadas. **Parágrafo** – Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM, São Paulo, FIAMM-FAMM, v.2, n.3, p.75-89, jul./dez. 2015.

MURRAY, Janet H. **Hamlet no Holodeck**. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lúcia. **Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação úbia: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SILVA JR., José Afonso da. Cinco hipóteses sobre o fotojornalismo em cenário de convergência. In: SOUSA FILHO, Washington José de., FONSECA, Adalton dos Anjos (orgs). **GJOL 20 anos: trajetória da pesquisa na pós-graduação**. Salvador: EDUFBA, 2020. pp. 213-229.



Anais de Resumos Expandidos
V Seminário Internacional de Pesquisas
em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

TOMAS, David. From the Photograph to Postphotographic Practice: Toward a Postoptical Ecology of the Eye. **SubStance**, v. 17, n. 1, p. 59-68, 1988. Disponível em: www.jstor.org/stable/3685214. Acesso em: 16 abr. 2022.